


## **Guardar para preservar: cartas entre o governador e a diretora do Museu Histórico de Santa Catarina, 1979-1980**


**Susane da Costa Waschinewski**

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
Doutoranda em Educação  
Bolsista – Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC)

 <https://orcid.org/0000-0002-9024-0539>  
E-mail: [sucosta@unesc.net](mailto:sucosta@unesc.net)

**Maria Teresa Santos Cunha**

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
Bolsista CNPq – Produtividade em Pesquisa 1D

 <https://orcid.org/0000-0001-6200-6713>  
E-mail: [maria.cunha@udesc.br](mailto:maria.cunha@udesc.br)

**Resumo:** Este artigo analisa as cartas trocadas, no período de 1979 e 1980, entre o governador do estado catarinense Antônio Carlos Konder Reis e a professora e diretora do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC) Jessy Cherem, para que ela recebesse a doação de parte do arquivo pessoal do político para esse Museu. A análise pretende destacar questões referentes à guarda e preservação de cartas em arquivos pessoais, bem como registrar possibilidades de abordá-las como espaços de memórias que permitam reconhecer relações e interações entre os missivistas, ambos ocupantes de cargos importantes na política catarinense do período.

429

**Palavras-chave:** Cartas; Arquivos pessoais; Patrimônio documental; História de Santa Catarina.

### **Save to preserve: letters between the governor and the director of the Historical Museum of Santa Catarina, 1979-1980**

**Abstract:** This article analyzes the letters exchanged, in the period of 1979 and 1980, between the governor of the state of Santa Catarina Antônio Carlos Konder Reis and the teacher and director of the Historical Museum of Santa Catarina (MHSC), Jessy Cherem. The letters discussed the governor donating his personal archive to the Museum. The analysis intends to highlight issues related to the custody and preservation of letters in personal archives, as well as to register possibilities to address them as spaces of memories that allow to recognize relations and interactions between the letter writers, both occupants of important positions in the politics of Santa Catarina of the period.

**Keywords:** Letters; Personal files; Documentary heritage; History of Santa Catarina.

**Texto recebido em: 16/02/2019**

**Texto aprovado em: 27/05/2019**

A história dos documentos não termina nos portais dos arquivos. Os arquivos fazem parte dessa história (BROTHMAN, 2018, p. 113)

### **Jessy e Antônio Carlos: traços biográficos e cartas em arquivos**

Jessy Cherem (1924-2014), professora, e Antônio Carlos Konder Reis (1925-2018), governador do estado, protagonizam este estudo a partir de pesquisas realizadas em vários de seus documentos constantes nos respectivos arquivos pessoais. Ambos foram guardadores de objetos e documentos que hoje se encontram ainda preservados. O interesse aqui está centrado em cartas que foram trocadas entre eles durante o período de 1979 e 1980 – quando discutiam a doação de partes do arquivo pessoal do governador<sup>1</sup> ao MHSC, à época dirigido por Jessy. Para fins deste estudo, consideram-se arquivos pessoais os conjuntos de papéis/objetos, material audiovisual e/ou iconográfico reunidos no decurso da vida de uma pessoa (BELLOTO, 2006).

Cartas se inscrevem como documentos que se abrigam em arquivos pessoais e, quando preservadas, podem ser reconhecidas como bens que integram patrimônios documentais. Escritas para comover, pedir, agradecer, noticiar, persuadir o destinatário, criam redes de comunicação entre pares que permitem a partilha de ideias e acontecimentos, seja por ofício, necessidade ou mesmo gosto.

Antônio Carlos e Jessy trocaram cartas – por necessidade e gosto – e deixaram testemunhos que punham em destaque a doação de parte do arquivo pessoal do então governador Konder Reis ao MHSC, por intermédio da diretora Jessy Cherem, mas abrem, igualmente, possibilidades para a discussão sobre a importância desses artefatos, tanto para a escrita da história – já que constam informações sobre as múltiplas atividades dos dois escreventes na vida pública, em Santa Catarina – quanto para evidenciar as questões de guarda e preservação como patrimônios documentais. As cartas, aqui estudadas, foram guardadas por Jessy<sup>2</sup>, preservadas em seu arquivo pessoal e ensejam, neste artigo, uma discussão sobre a atuação desses personagens. As cartas enviadas por Antônio Carlos, os pedidos e as ideias ali contidos, além de comprovarem um relacionamento de conhecimento mútuo, contribuem para “informar sobre muitos aspectos sobre a vida de um indivíduo e evidenciar principalmente as relações e interações entre o remetente e o destinatário” (MCKEMMISH, 2018, p. 249).



Fonte: Arquivo pessoal de Jessy Cherem, álbum de madeira (s/d)

### **Figura 1**

### **Jessy Cherem**

Jessy Cherem nasceu no município de Tijucas (SC), em 24 de setembro de 1929, e faleceu em Florianópolis, em 1º de novembro de 2014. Ainda com os primeiros meses de vida, se mudou para Florianópolis com seus pais, Nila Cherem e José Cherem (de origem libanesa), que eram comerciantes, onde passaram a residir na Rua Almirante Lamego, no centro da cidade.

Iniciou sua trajetória docente quando ainda era estudante no Colégio Coração de Jesus (Florianópolis), ministrando aulas para as crianças da Sociedade Divina Providência<sup>3</sup>, e se formou como professora normalista em 1948. Em 1962, passou a integrar o quadro de técnicos educacionais da Secretaria de Educação do estado de Santa Catarina. Em 1963, recebeu o convite para realizar um curso de aperfeiçoamento<sup>4</sup> como bolsista no Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE) (1956-1964), quando permaneceu um ano em Minas Gerais realizando cursos, especializando-se em educação pré-escolar, com estágios no Rio de Janeiro e em escolas de Minas Gerais, cujo objetivo era conhecer diferentes experiências educacionais.

Após concluir seu aperfeiçoamento, retornou a Santa Catarina e, assim como as demais bolsistas do PABAE, prestou serviços durante dois anos. Como forma de pagamento de sua bolsa, atuou na formação de professores para o aperfeiçoamento e a difusão dos conhecimentos lá adquiridos. Isso acabou ocorrendo, quando, em 1964, recebeu o convite para atuar como secretária de Educação e Assistência Social, no município de Criciúma, estabelecendo residência nessa cidade até 1967<sup>5</sup>.

Em julho de 1977, Antônio Carlos Konder Reis nomeou Jessy Cherem para a direção do MHSC, que assumiu o cargo no ano de sua fundação, em 1979, tornando-se a primeira diretora do museu, permanecendo na administração até 1987. Como muitas outras mulheres e professoras de sua época, era guardadora de objetos e papéis<sup>6</sup> e mantinha o ritual de “selecionar retalhos de vida; guardá-los cuidadosamente num tesouro escondido; de revisitá-lo nas horas de solidão” (NEVES, 2002, p. 2). Eram papéis que testemunhavam momentos de sua vida profissional, evidenciavam conquistas, escondiam tragédias, elaboravam versões de si, a partir de suas escolhas.

Seu arquivo pessoal possui marcas que não eram mais apenas as suas. Os papéis guardados de hoje sofreram com a reorganização de familiares, ou seja, não são mais o que já foram um dia. Sua construção obedeceu ao fazimento característico de sua portadora e, embora hoje contenham apenas restos, ruínas do que um dia foram (diferentemente de outros arquivos que foram zelosamente preservados e cuja organização tentou observar a ordem dada pelo seu titular, como o do professor Elpídio Barbosa<sup>7</sup>, de Armanda Álvaro Alberto<sup>8</sup> e de Darcy Ribeiro<sup>9</sup>), sua importância é fundamental, pois “o que é lixo para uma geração pode ser informação preciosa para outra e, por isso, os arquivos não são apenas locais para armazenamento de informação; são igualmente locais para as lacunas de informações” (ASSMANN, 2011, p. 37).

Seus papéis amarelados e muito bem guardados sofreram diferentes destinos, algumas fotos retiradas e levadas uma a uma por familiares, cartas foram devolvidas aos remetentes, outros documentos descartados (ou ainda estão sob a guarda dos familiares?). Ainda que repletos de ausências e mesmo com muitas peças faltando, umas amassadas, algumas encontradas em outros cômodos da casa, é visível que o estudo e a consulta do arquivo da professora Jessy Cherem permitiu narrar fragmentos de acontecimentos de sua vida qualificando documentos que estariam destinados, em geral, ao fogo ou ao lixo, considerando que

o documento que dorme nos arquivos é não somente mudo, mas órfão; os testemunhos que encerra desligaram-se dos autores que os “puseram no mundo”; estão submetidos aos cuidados de quem tem competência para interrogá-los e assim defendê-lo, prestar-lhes socorro e assistência (RICOEUR, 2007, p. 179).

Feitas essas considerações sobre o estado de seu arquivo pessoal, três acontecimentos foram importantes para o conhecimento de sua protagonista e o conhecimento desses papéis por ela selecionados e guardados ao longo da vida.

No primeiro deles, em 2010, em sua residência em Florianópolis, ela concedeu uma entrevista cujos dados viabilizaram a consecução da pesquisa intitulada “Jessy Cherem: a construção da trajetória de uma educadora em Criciúma na década de 1960”<sup>10</sup>. Na oportunidade, a entrevistada abriu seu arquivo pessoal, exibindo seus documentos pessoais acumulados sobre sua trajetória profissional. Naquele momento, seu arquivo preservava uma vasta quantidade de diplomas, certificados, recortes de jornais, anotações e um conjunto de cartas. Para os fins daquela pesquisa, foram digitalizados alguns desses papéis, selecionando os que eram de interesse. Essa ação possibilitou a preservação do conteúdo (mesmo que apenas meio digital) de alguns documentos<sup>11</sup>.

O segundo acontecimento foi o encontro de uma das autoras deste artigo com a nora de Jessy Cherem, ocorrido também na capital catarinense, no dia 20 de março de 2018, oportunidade em que lhe foram emprestados variados documentos que estavam sob a guarda da família. Esse conjunto documental corresponde à maior parte do arquivo pessoal construído pela titular: álbuns fotográficos, que registram momentos familiares e de sua atuação profissional, cartas de ex-alunas e de sua neta, recortes de jornais, homenagens e certificados de cursos de formação, cartões-postais, documentos sobre a criação do Museu do Presépio e registros sobre seu acervo. Pode-se acompanhar aspectos dessa gama documental na imagem a seguir.



Fonte: Arquivo pessoal de Jessy Cherem, concedido pelos familiares para pesquisa em março de 2018.

**Figura 2**

**Fragmentos do arquivo pessoal de Jessy Cherem**

O terceiro momento se refere aos documentos cedidos por Jessy em entrevista à Dr.<sup>a</sup> Katianne Bruhns, as correspondências trocadas com o então governador Antônio Carlos Konder Reis, referentes às atividades do MHSC.

Foi seguindo um rastro documental para dar visibilidade à Jessy Cherem e estabelecendo contatos com as pesquisadoras já mencionadas, além das instituições em que ela transitou, que foram encontradas partes desse arquivo pessoal que, mesmo fragmentado, contribuiu para preencher lacunas.

Ao manusear as cartas, os memorandos internos, os relatórios mensais e anuais, os projetos e as ações do museu, os documentos referentes à sua implantação (como atas e decretos), foram encontradas as correspondências trocadas entre Cherem e Konder, alvos deste estudo. Estas, em seu contexto de produção, evidenciam um misto de conversas, formais e pessoais, encaminhamentos de trabalho, pedidos pessoais de ambas as partes, lembranças a familiares, pistas que indicam a constituição de relações e interações pessoais e políticas.

A temática que se constitui no objeto deste artigo aparece em mais de uma carta e se refere à doação de partes do arquivo pessoal de Antônio Carlos Konder Reis ao MHSC, uma iniciativa que partiu do próprio Konder e que figurava como objetivo dessas missivas. Por esse motivo, é conveniente traçar alguns aspectos sobre aspectos biográficos e a constituição do próprio arquivo pessoal de Antônio Carlos Konder Reis, o segundo personagem desta narrativa. O oferecimento de seu arquivo pessoal ao MHSC, por intermédio de cartas a Jessy Cherem, permite intuir que o próprio governador tinha como prática o ato de arquivar seus documentos seja por “injunção social” ou “intenção autobiográfica” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Sem a pretensão de trazer à tona uma biografia completa, é importante traçar algumas informações sobre a trajetória de Konder que ajudam a percebê-lo nas tramas políticas catarinenses, além de reconhecê-lo como alguém que produziu vasta documentação, como homem público, que circulou em diferentes esferas do poder.

Nascido no município de Itajaí, em 16 de dezembro de 1925, falecido na mesma cidade em 12 de junho de 2018, Antônio Carlos Konder Reis fez parte das famílias tradicionais<sup>12</sup> catarinenses com forte tradição política: seus tios foram Adolfo Konder (Governador de Santa Catarina, em 1926-1930), Irineu Bornhausen (Governador de Santa Catarina, em 1951-1956), Victor Konder (Deputado Estadual pelo estado catarinense, em 1919-1921) e Marcos Konder (Deputado Estadual por

Santa Catarina, em três gestões: 1913-1921 1925-1930 e 1935-1937).



Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda.

### **Figura 3**

#### **Antônio Carlos Konder Reis**

Esses traços deixam entrever que a trajetória dos Konder se inseriu em ambientes políticos e sociais, nas quais seus familiares estavam frequentemente articulados, disputando cargos em âmbito estadual e nacional. Essas redes, especialmente de parentesco, foram se desenhando e demarcaram um espaço na política catarinense e garantiu a outras gerações, de certa forma, uma “herança política” familiar.

Ainda quando criança cursou o ensino primário no Colégio São José, em Itajaí. Por perseguições políticas preferidas à sua família, seu pai, Osvaldo dos Reis, foi transferido para Santos, no litoral de São Paulo, onde a família passou a residir. Nessa cidade, Konder realizou o ginásio até 1941, no Colégio dos Irmãos Maristas. Em 1944, ingressou na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro e se formou em 1949. Em paralelo, em 1945, matriculou-se no curso superior de museus, no Museu Histórico Nacional, formando-se, em 1947, como conservador de museus. Em 1951, tornou-se economista pela Lei n. 1.411, que regulamentava o exercício da profissão.

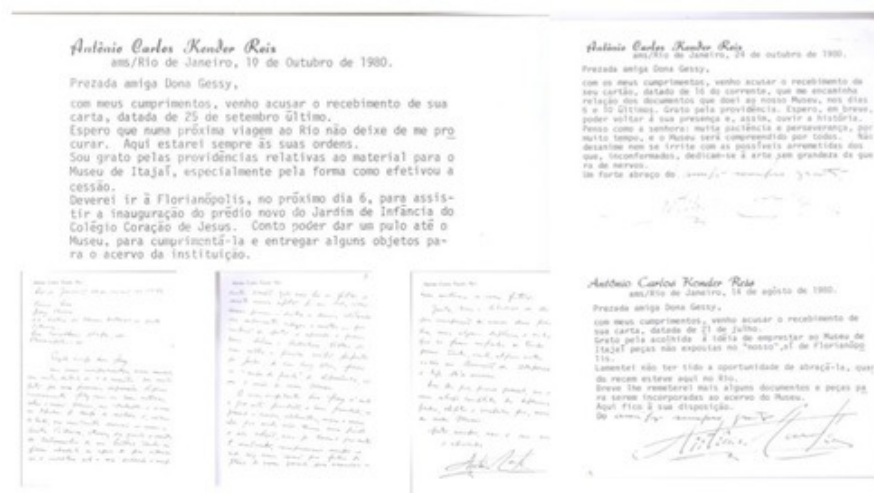
Durante sua formação acadêmica, Konder já estava articulado com o momento político daqueles anos e foi representante do seu diretório acadêmico no VII Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) e na oposição ao governo de Getúlio Vargas<sup>13</sup>. Sua primeira legislatura foi como Deputado Estadual (1947-

1951), inaugurando uma atuação que transitou por diferentes cargos políticos: ao longo sua vida política, foi Deputado Estadual (1947-1951), (1951-1955), Deputado Federal (1955-1959), (1959-1962), (1987-1991), (1999-2003), Senador (1963-1975), Governador (1975-1979) e Vice-Governador (1991-1994), em todos eles representando Santa Catarina (MEIRINHO 1997).

Em sua trajetória, Konder desenvolveu o gesto de guardar fotografias, insígnias, placas, bandeiras, certificados, medalhas, bandejas. Seu arquivamento, portanto, comporta variados documentos e suportes que ajudam a nuançar diferentes formas da produção de si e funcionam como parte de sua biografia, pois se relacionam com as experiências e os espaços que transitou.

### Um pedido: dando a ver conteúdo das cartas

Entre os documentos que se entrelaçam, estão os guardados de Jessy, que dão a ver os pedidos especiais de Konder, os quais mereceram atenção: um conjunto de cartas trocadas entre eles. Essas cartas se referem às atividades do MHSC, à aquisição de equipamentos, à contratação de funcionários, a solicitações pessoais, entre outros assuntos. A seguir, temos imagem de algumas dessas correspondências.



Fonte: Acervo pessoal de Jessy Cherem (documentos cedidos pela Dr<sup>a</sup> Katianne Bruhns).

Figura 4

### Correspondências de Antônio Carlos Konder Reis, recebidas por Jessy Cherem



Ao observar a atuação política de Antônio Carlos Konder Reis, é possível perceber que ele se envolveu em muitos projetos e que as mudanças ocorridas ao longo de sua trajetória se relacionavam com as que estavam em curso no país. Foi em seu período como governador de Santa Catarina que emergiram as primeiras ações para a criação do MHSC: a primeira etapa se deu com a criação de um grupo de trabalho (Decreto n. 2138, de 17/01/77), que tinha como objetivo elaborar o projeto de um museu histórico que representasse o estado catarinense. Isso foi efetivado pela Lei n. 5.476, de 4 de outubro de 1977 (BRUHNS, 2010). A equipe elaborou seu projeto e traçou sua especialidade, como pode ser acompanhado no trecho a seguir:

a definição do quanto a especialidade museu, que embora histórico, para atender os modernos conceitos de museologia, deverá ater-se a uma área determinada, sob pena de vir a tornar-se um amontoado de objetos sem entender a uma finalidade precípua. (...) a especialidade da instituição, também, deveria ser sobre a história política do Estado (CORRÊA, 1977, p. 1)<sup>14</sup>.

Sílvia Amélia Carneiro da Cunha, uma das integrantes da comissão, na mesma ata das reuniões que estruturaram o projeto do museu, informa ter “conhecimento de várias famílias, descendentes de vultos da nossa história política, dispostas a doarem bens de valor cultural tão logo ao museu venha a ser criado”. (BRUHNS, 2010, p. 65). Em linhas gerais, foi criado um museu com a finalidade de preservar a história política do estado, em especial daqueles considerados “grandes vultos da história”<sup>15</sup>.

Para constituição do acervo, foi solicitado que houvesse um levantamento aos museus no interior catarinense, referente a documentos e peças de “personalidades políticas catarinenses, [além de um] levantamento dos bens pertencentes ao Poder Legislativo, Judiciário e Executivo, fora de uso e que, por valor histórico possam servir ao acervo do Museu” (BRUHNS, 2010, p. 65). Após algumas reuniões, o grupo entregou a Konder o relatório e o projeto para a criação do MHSC: “ao entregarem ao governador o relatório, as fontes revelam que, o mesmo, já havia nomeado a Sra. Jessy Cherem para o cargo de diretora do futuro MHSC, tem-se nesta época, um projeto de museu e uma diretora” (BRUHNS, 2010, p. 47).

Em meio a essas tramas e intencionalidades, pode-se ajustar as lentes para analisar as correspondências entre Konder e Jessy, refletindo sobre sua preservação em arquivos pessoais, segundo a perspectiva de Derrida (2002, p. 47):

“a partir do momento em há arquivamento, está em jogo não somente o passado, mas também o futuro. Ou, seja o que se pretende contar a partir dos vestígios do passado”.

As cartas reunidas para este texto não permitem visualizar o desenrolar dos acontecimentos do seu início ao fim, mas elas contêm dados importantes, pois fazem parte dos documentos biográficos de seus sujeitos escreventes, pondo em destaque questões de pensamento que veiculavam. Elas sugerem formas de entender os tempos, as dinâmicas e suas lógicas, porque trazem testemunhos de práticas cotidianas e políticas. Preservadas, em geral, em arquivos pessoais, variados estudos têm mostrado a relevância das cartas nos estudos históricos e que reforçam seu teor testemunhal (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002; CUNHA, 2018).

No quadro a seguir são apresentados os aspectos gerais das correspondências selecionadas para este texto e seus respectivos assuntos principais.

#### QUADRO 1

##### Mapeamento da correspondência de Antônio Carlos Konder Reis, enviadas a Jessy Cherem (1979 -1980)

438

DATAS	ASSUNTOS
16 de agosto de 1979	Agradecimento à completa relação dos objetos e documentos doação ao MHSC.
24 de junho de 1980	Consulta a Jessy sobre a possibilidade de intercâmbio de sua doação ao Museu Histórico de Itajaí.
14 de agosto de 1980	Indicação que, em breve, enviará mais peças para serem doadas ao museu.
10 de outubro de 1980	Agradece a condução das peças do MHSC para o MHI.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018), com base nos documentos encontrados no arquivo pessoal de Jessy Cherem.

Portadoras de protocolos ritualísticos (data, vocativo, despedida etc.), as cartas se consagram tanto como artefatos culturais quanto como documentos que têm, para o historiador, outros estatutos: são documentos a partir dos quais a história pode ser investigada, isto é, buscada em vestígios e problematizada a partir de diferentes ritmos da vida social de uma época, trazendo representações escritas

em suporte papel de um outro tempo agora produzindo sentidos e construindo significados no tempo presente.

Em meio a essa intencionalidade de narrar acontecimentos e envoltos a outros assuntos, nessas cartas aparecem indícios da doação de peças do arquivo pessoal de Konder ao MHSC: “chegou-me a completa relação das doações que fiz a esse Museu e as melhores notícias do trabalho que a senhora realiza”<sup>16</sup>. Sem saber ao certo quando se inicia e como surge a intencionalidade de doar peças de seu arquivo pessoal, é possível visualizar que, segundo a correspondência de 16 de agosto de 1979, o museu havia recebido um conjunto de documentos e objetos, e os inventariados. Em resposta à doação realizada por Konder, Jessy, como diretora, enviou uma relação de todos os documentos recebidos na instituição<sup>17</sup>. Nessas possibilidades abertas, surgiram outros indicativos na seguinte carta<sup>18</sup>:

Prezada amiga Dona Jessy,

com meus cumprimentos, venho pedir-lhe o obséquio de examinar a possibilidade de considerar a sugestão que se segue. Em fase adiantada de organização está o Museu Histórico de Itajaí. O responsável é o grande amigo nosso e cidadão prestante João Amaral Pereira (Rua Lauro Müller, 16 – Itajaí – SC. – CEP. 88.300 – Telefone 44.0041). Gostaria que esse Museu, de minha terra natal, tivesse em suas exposições alguma coisa minha. Assim, consulto-lhe [sic] da conveniência de um contato seu com o João, para estabelecer um esquema de cessão de objetos ligados à minha vida pública, doados ao nosso Museu Histórico, para serem expostos em Itajaí, desde que não estejam sendo expostos em Florianópolis. Lembro as placas de prata, os diplomas de cidadão honorário e os diplomas das condecorações, a título de exemplo. Acredito que desse modo iniciarse-ia um intercâmbio entre os dois museus de real proveito para Santa Catarina. Grato pelo que fizer, subscrevo-me cordialmente. Do amigo sempre grato [seguido de sua assinatura].

Dessa forma, pode-se intuir que Konder espalhou peças do seu arquivo pessoal por diferentes espaços que se destinam à preservação da memória, aqui observados em sua escolha pelo MHSC, localizado na capital do estado, preservando sua atuação política, e no MHI, como forma de preservação de uma identidade local e familiar.

Tais ações de escolha desses documentos apontam para a construção de estratégias de visibilidade, que permitem constituir um paralelo com três apontamentos, discutidos por Assmann (2011), que se referem à antiguidade e às práticas de eternização de pessoas consideradas ilustres. Esses elementos estão condicionados à “fama”: “os *grandes feitos*, sua *documentação* e sua *rememoração* na posterioridade” (ASSMANN, 2011, p. 43, grifos nossos). Nesse sentido, a fama

era tratada como meio para garantir a imortalidade, e os grandes feitos eram registrados como forma de serem lembrados na posteridade. Assim, tinha-se como objetivo preservar histórias de pessoas ilustres, garantindo a vida, mesmo após a morte, por meio do seu caráter de exemplaridade, destinado a forjar determinada imagem sobre si e, nesses casos, uma exemplaridade de como ser e permanecer em sociedade.

Konder parecia preservar uma tradição familiar de “homens de grandes feitos”, demonstrando preocupação com os registros e documentos produzidos ao longo de sua atuação profissional. Encontrou na interlocução com Jessy Cherem um canal direto para garantir a preservação de parte de sua documentação.

Um aspecto interessante desse pedido se refere à dimensão de circulação e produção desses documentos, que deveriam se dar entre as esferas do íntimo e da vida pública. Aquele que recolhe e guarda memórias faz de momentos variados de sua vida, em especial quem está inserido na política, geralmente produzindo e guardando grandes quantidades de papéis. Ter destinado parte de seu arquivo pessoal em vida a diferentes museus implica nova seleção e destinação conforme intenções que se pretende produzir com sua divulgação.

Quando acumula, o titular o faz em diferentes situações, muitas vezes contraditórias, de uma forma que não é evidente no momento mesmo da acumulação. Trata-se, assim, de uma memória particularmente propícia à implosão do indivíduo único e coerente das narrativas autobiográficas, ainda que muitas vezes representativa de um esforço semelhante de produção dessa unidade (HEYMANN, 1997, p. 46).

Esses aspectos aqui inferidos levam a considerar que Konder poderia ter desenvolvido formas de organizar e selecionar, a fim de atingir essas demandas. Ribas Júnior (1997, p. 50), jornalista que trabalhou no escritório de Konder no Rio de Janeiro em 1967, comenta que:

Encontrei, para minha surpresa, cartas arquivadas desde o início de sua carreira parlamentar (1947), e os assuntos, registrados em fichas, com a anotação de todos os passos. Era um sistema criado pela imaginação metódica de Konder Reis. Um sistema simples e eficiente, pois cada assunto tinha uma ficha cartão com as indicações essenciais: nome do interessado, endereço, resumo do assunto, datas das correspondências recebidas e expedidas e posição processo, quando era o caso.

Essas informações e as cartas guardadas por Jessy testemunham que Konder preservava não somente o hábito de arquivar, mas também de responder zelosamente suas correspondências – como se pode observar no seguinte trecho: “venho acusar, com algum atraso, o recebimento de suas cartas, datadas de 4 e 13 do corrente. O atraso é devido á minha ausência do Rio. Estive no Sul de 3 de julho a 10 de agosto”<sup>19</sup>.

Retomando as correspondências que tratam sobre a doação do seu arquivo pessoal aos museus, em 14 de agosto de 1980 Konder escreve à Jessy:

Prezada amiga Dona Gessy [sic], com meus cumprimentos, venho acusar o recebimento de sua carta, datada de 21 de julho. Grato pela acolhida à ideia de emprestar ao Museu de Itajaí peças não expostas no “nosso” *ai de Florianópolis*. (...) Breve lhe remeterei mais alguns documentos e peças para serem incorporadas ao acervo do Museu [grifos nossos].

Em meio às correspondências trocadas, é possível visualizar rituais no ato de escrever, acenos que indicam mais do que uma diplomacia de trabalho: conduzem a imaginar um cenário de amizade presente no entusiasmo pelas atividades do MHSC. Esse entusiasmo enseja pensar se tal relação teria interesse em construir um legado, isto é, para deixar o registro da família Konder no estado.

Segundo Bruhns (2010), Jessy Cherem realizou a tarefa de coletar arquivos de pessoas de destaque ligadas à política catarinense, conforme se pode verificar em entrevista realizada pela com Sr.<sup>a</sup> Rosilda Deolinda de Farias Schroeder<sup>20</sup> (funcionária do MHSC de 1986 a 1996), referente à constituição da coleta do primeiro acervo do MHSC. Sobre as doações, Schroeder comenta:

tem algumas doações de famílias, principalmente do grupo (Hoepeck) grande parte do Antônio Carlos Konder Reis, como eu já falei, muito material que foi angariado pela Jessy Cherem, através que vejo, era de fichas, questionários que ela enviava para prefeituras, pedindo se a comunidade tinha alguma coisa que pudesse doar, mas nessa parte a gente viu assim, que muita pouca coisa foi trazida, o grosso mesmo do acervo era o material do governador Antônio Carlos Konder Reis.

Que peças e documentos eram esses? O que Konder estava selecionando para destinar aos museus? E que contornos esses objetos podem ajudar a desenhar, visualizar cenários e tensões políticas? É comum “em arquivos de homens públicos a corriqueira a concentração de documentos nos períodos de exercício de mandatos, já que em geral a presença de secretárias e assessores garantem uma acumulação maior de registros” (HEYMANN, 2012, p. 175). Ainda

segundo a autora, pesa aos titulares guardar documentos que testemunhem sua atuação política, funcionado com um caráter probatório.

## QUADRO 2

### Documentos e peças de Antônio Carlos Konder Reis doados ao MHSC

Tipologia	Quantidade	Datas
Placas/homenagens	128	Entre 1952 e 1978
Medalhas	28	Entre 1965 e 1975
Troféus	3	De 1975 e 1977
Fotografias e recortes de jornais	12	De 1937 a 1956
Diplomas	71	De 1939 a 1978
Objetos diversos	41	1977 e 1978
<b>Total</b>	<b>283 peças</b>	

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018), com base no inventário das peças doadas ao MHSC por Antônio Carlos Konder Reis. Setembro de 1976.

Como exposto no quadro acima, os itens doados incluem documentos de natureza estritamente pessoal, como diplomas, títulos honoríficos, medalhas e troféus. De forma geral, essa catalogação permite perceber desde a quantidade de documentos que acumulou como figura pública quanto a visualizar as relações e interações que teceu e circulou.

As placas de homenagem contribuem com o desenho de um homem ligado à esfera política, variando desde honrarias concedidas pela Marinha (1976), Aeronáutica (1975), Comando Maior do Exército (1976), Encontro das Faculdades de Direito (1976), Lojistas de Santa Catarina (1976) até placas de homenagem que recebeu de clubes de mães. A latência desses documentos possibilita, ainda, visualizar relances das cidades e entidades que visitava, percebendo seu trânsito construído durante, especialmente, o período que foi governador.

As instituições relacionadas que homenagearam Konder sinalizam seu prestígio e uma forma particular da articulação com vários coletivos, fazendo emergir locais de distinção diferenciados – em especial, aos órgãos militares, o que deixa entrever o cenário político da época, marcado por um regime de exceção.

Entre as doações pertencentes ao arquivo pessoal de Konder Reis, o item classificado pelo MHSC<sup>21</sup> como “Fotografias e recortes de jornais” chama a atenção, pois não se trata apenas de documentos sobre si, mas sim aparecem outros documentos, como o folheto com fotografia redigido por Carlos Viana sobre os irmãos Konder: Arno, Victor, Adolpho e Marcos; fotografias de Irineu Bornhausen; fotografias postais, entre outros que homenageavam sua família. Já os “Diplomas”, catalogados pelo museu, se referem, em grande parte, às homenagens recebidas como cidadão emérito por câmaras municipais de diversas cidades e condecorações recebidas em outros países, como Colômbia, Estados Unidos, Peru, Argentina e Chile. Nesse item, Konder também doou seu diploma de Bacharel em Direito. Na catalogação “Diversos”, integram-se alguns objetos como: distintivos, escudos, chaves, porta-canetas, bandejas de prata, cinzeiros, porta-cartão, um traje de representante na embaixada da Nigéria composto por sete peças, entre outros. Sua significação, entretanto, é mutável no tempo e dependem das demandas da sociedade que condicionam outras perguntas para a construção de inteligibilidade sobre aqueles materiais/objetos arquivados.

### QUADRO 3

#### Placas de homenagens recebidas por diferentes instituições

443

Instituições	Quantidade
Homenagens recebidas por órgãos relacionados ao Exército, à Aeronáutica, às Forças Armadas, aos Militares Navais, à Marinha, à Escola Superior de Guerra.	22
Educacionais: faculdades de Direito, Engenharia, Uniplac, Escolas Estaduais, Eng. Agrônomos.	10
Comerciais e industriais: dirigentes de lojistas, loja maçônica, associações de lojistas, indústrias têxteis, indústria carbonífera e alimentícia.	10
Esportivas: eventos esportivos, criação de ginásio de esportes, clubes de futebol (como Avaí e Biguaçu Atlético Clube), cursos de orientação e organização desportiva.	10

Fonte: Elaborado pelas autoras (2018), com base no inventário das peças doadas ao MHSC por Antônio Carlos Konder Reis. Setembro de 1976.

De forma geral, o arquivo pessoal de Konder Reis doado ao MHSC guarda uma documentação considerada capaz de mostrar aspectos do funcionamento do Estado ou as atividades de um organismo, público ou privado, mas confirma, sim,

um acúmulo documental, visto como meio de acesso à trajetória pessoal do titular (HEYMANN, 2012). Por sua vez, as cartas guardadas por Jessy e preservadas em seu arquivo pessoal corroboram a doação de Konder e reafirmam esse material como espaço de configurações de memórias. Dessa maneira, pode-se perceber que, no caso dos arquivos pessoais dos protagonistas deste estudo que contêm as cartas como conjuntos documentais tipificados, os dois titulares guardaram e preservaram documentos oriundos de suas diversificadas funções na vida pública e pessoal.

### Considerações finais

Nos arquivos pessoais, em geral, não existem categorias mais ou menos importantes (...) nada deve ser desconsiderado, pois o documento mais 'desimportante' pode registrar o gérmen de uma grande obra... (RIBA, 2017, p. 5).

Arquivos pessoais comportam variados documentos portadores de tipologias potencialmente múltiplas, como cadernos que suportam diários, papéis avulsos que recebem escritas epistolares, placas e condecorações que anunciam homenagens. No caso deste estudo de cartas em arquivos pessoais, há abrangência em seus usos como fonte e objeto de pesquisa: anunciam a presença de certo comprometimento em testemunhar o vivido e o praticado, de intercambiar ideias, de mapear relações sociais, de buscar rastros de acontecimentos e de histórias que se cruzam.

Jessy e Antônio Carlos trocaram cartas que contribuíram para visualizar cenários e complexidades políticas. O pedido do governador para doação de seu legado documental ao MHSC anunciava/sinalizava certo desejo de imortalidade do homem público e da permanência de registros de uma trajetória expressa em homenagens recebidas. De igual maneira, funcionam como testemunho de sua ação política e dão a elas um caráter probatório, pois as cartas contêm registros memorialísticos individuais que evidenciam as relações e interações para além do caráter mais profissional, entre eles: uma diretora de museu histórico que era responsável pela formação do acervo deste e um político que queria guardar seus documentos e objetos para se guardar. Os arquivos pessoais anunciam e dão a ver:

o caráter da vida a respeito do qual não pode haver um ponto de vista fixo e nesse caso, mesmo as cartas pessoais não devem ser tratadas como meros documentos de uma interação entre indivíduos ou uma troca de ideias em forma documental (...) elas contêm



importantes elementos retóricos e sintáticos e seu estilo também faz parte de seu valor (HOBBS, 2018, p. 267).

O estilo pode ser perceptível na redação edificante em que o missivista governador demarcava, discursivamente, um sentido para seu pedido: seja no trato cerimonioso (“Dona Jessy”); em elogios à diretora como forma de estabelecer laços de confiança (“este é um dos melhores trabalhos que a senhora realiza”) e mesmo na intenção de dar visibilidade à doação (“gostaria que este Museu, de minha terra natal, tivesse em suas exposições alguma coisa minha”) – pedido que foi atendido pela diretora, haja vista a carta de agradecimento arquivada: (“Grato pela acolhida à ideia de emprestar ao Museu de Itajaí peças não expostas no “nosso” ai de Florianópolis”).

No que tange às intenções de Antônio Carlos Konder Reis, desde o decreto de criação do MHSC até a formação de seu acervo, dá a entender seu desejo de guardar para preservar, ou seja, ele abriu mão de seu arquivo pessoal, retirando peças, doando-as em prol de alcançar variados públicos e agir na eternização da memória dos Konder em Santa Catarina. Ao destinar grandes quantidades de peças ao MHSC e posteriormente ao Museu Histórico de Itajaí (MHI), demonstrava conhecer estratégias de preservação de memórias particulares e familiares, as quais, possivelmente, pode ter observado quando realizou sua formação em conservador de museu, possibilitando conhecimentos sobre a imortalização de personalidades políticos em museus públicos.

Por outro lado, encontrou na nomeação especial de Jessy, envolto às esferas políticas catarinenses, parceria e ânimo para que ela coordenasse, durante seu governo, a constituição do MHSC, alguém que também mantinha o hábito de guardar e que se aventurou em terreno desconhecido: a gestão de museus.

Por meio das missivas utilizadas neste texto, é possível evidenciar que elas foram importantes ferramentas de comunicação entre destinatário e remetente, agiram encurtando distâncias, possibilitando a continuidade dos trabalhos realizados por Jessy, a pedido de Konder. Elas traduzem, com sua visibilidade, uma abertura para a pesquisa que, ao estudá-las na multiplicidade de vidas arquivadas, abrem horizontes outros de pesquisa onde é possível aventurar-se para configurar em memória potente para futuros estudos.

**NOTAS**

1. O arquivo pessoal de Konder encontra-se no MHSC. Documentos e peças que foram emprestados ao Museu Histórico de Itajaí (MHI) voltaram a integrar o acervo do MHSC, por meio do processo de comodato iniciado em 1980 e encerrado em 2017.
2. Acessar essas cartas foi possível após estabelecer contato com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katianne Bruhns, que mobilizou diversos documentos para sua tese “Museu Histórico de Santa Catarina: discurso, patrimônio e poder. 1970-1990”. Na ocasião da pesquisa, Jessy Cherem emprestou diversas correspondências enviadas pelo então governador, que se referiam às atividades do museu. Bruhns, ao realizar as cópias desses documentos, garantiu a preservação do material que, agora digitalizado, constitui fonte para este trabalho.
3. A instituição pertence à Congregação das Irmãs da Divina Providência e mantém em Santa Catarina hospitais, colégios e obras sociais. A Congregação destina bolsas de estudos e promove projetos socioeducacionais que atendem à comunidade carente. Está localizada ao lado do Colégio Coração de Jesus, na capital catarinense.
4. Alguns desses aspectos foram pesquisados na dissertação de mestrado de Susane Costa Waschinewski intitulada “Biblioteca de Orientação da Professora Primária: as regras de civilidade no conteúdo de Estudos Sociais do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – PABAE (1956-1964)”, disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/5151>>.
5. Em Criciúma, lecionou no Colégio Madre Tereza Michel e residiu inicialmente nas dependências da instituição, em um quarto organizado pelas irmãs e destinado à sua estadia. Também ministrou aulas no Colégio São Bento e no Colégio Marista, todas escolas confessionais e particulares. Em paralelo, atuou como idealizadora do primeiro jardim de infância particular da cidade, que se chamou Jardim de Infância Pequeno Príncipe. Com essa implantação, Jessy pôde aplicar os conhecimentos adquiridos durante o curso de aperfeiçoamento do PABAE.
6. Parte do seu arquivo pessoal preservado pela família constitui fonte e objeto de estudo na pesquisa em andamento “Manuseando documentos (re)construindo uma trajetória: o arquivo pessoal de uma professora catarinense no Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar PABAE (1948-2014)”, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Maria Teresa Santos Cunha, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do estado de Santa Catarina (Udesc).
7. Ver a pesquisa: “O arquivo pessoal do professor catarinense Elpidio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital Maria Teresa Santos Cunha”. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-34592017000100187](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592017000100187)>.
8. Da pesquisadora Ana Chrystina Venancio Mignot, *Baú de memórias, bastidores de história: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*. Bragança Paulista: Editora USF, 2002.
9. Da pesquisadora Luciana Quillet Heymann, “O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro”.
10. Da pesquisadora Angélica da Silva Goulart. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/193/1/Ang%c3%a9lica%20da%20Silva%20Goulart.pdf>>.
11. O registro de duas correspondências recebidas por Jessy Cherem de uma ex-aluna será alvo de outros estudos.
12. Os Konder/Bornhausen, durante o século XX, tiveram como oposição outra família da política catarinense: os Ramos.
13. Os Konder atuaram na criação da União Democrática Nacional (UDN). CPDOC. Verbetes: União Democrática Nacional (UDN). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-democratica-nacional-udn>>.
14. Ata da comissão responsável pela elaboração do projeto de criação do MHSC, documento intitulado como Súmula das atividades – reunião n. 1.
15. Revista do IHGSC. 3ª fase, n. 1, II semestre, Florianópolis, UFSC, 1979, p. 69.
16. Konder, 16 de agosto de 1979.

17. “Documentos consultados: relação de placas, medalhas e diplomas pertencentes ao excelentíssimo senhor governador do Estado, Dr. Antônio Carlos Konder Reis doados ao acervo do Museu Histórico de Santa Catarina” (setembro de 1976).
18. Konder, 24 de junho de 1980.
19. Correspondência de 28 de agosto de 1981, enviada do Rio de Janeiro a Jessy Cherem, em Florianópolis.
20. Segundo ela, “muito do acervo do palácio é material do Antônio Carlos Konder Reis, porque tudo que era medalhas, diplomas, condecorações, ele repartiu tudo para o museu”. Entrevista da Sr.<sup>a</sup> Rosilda Deolinda de Farias Schroeder, concedida a Bruhns, em 22 agosto de 2008.
21. Classificação realizada em 1976.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

#### Relatórios

Relação de placas, medalhas e diplomas pertencentes ao excelentíssimo senhor governador do Estado, Dr. Antônio Carlos Konder Reis doados ao acervo do Museu Histórico de Santa Catarina. Florianópolis, setembro de 1976. 22 fls. Relatório possivelmente elaborado por Jessy Cherem, conforme informações nas correspondências (sem assinaturas e informação de autoria). Acervo arquivístico do MHSC. Pasta Relatório final do grupo de trabalho visando à implantação do Museu Histórico de Santa Catarina.

Ata n. 1 do Grupo de Trabalho para a implantação do MHSC, de 27 de janeiro de 1977.

447

#### Cartas

REIS, A. C. K. [Correspondência] 16 ago. 1979, Rio de Janeiro, [para] Jessy Cherem. Arquivo de pesquisa de Katianne Bruhns.

\_\_\_\_\_. [Correspondência] 24 jun. 1980, Rio de Janeiro, [para] Jessy Cherem. Arquivo de pesquisa de Katianne Bruhns.

\_\_\_\_\_. [Correspondência] 14 ago. 1980, Rio de Janeiro, [para] Jessy Cherem. Arquivo de pesquisa de Katianne Bruhns.

\_\_\_\_\_. [Correspondência] 10 out. 1980, Rio de Janeiro, [para] Jessy Cherem. Arquivo de pesquisa de Katianne Bruhns.

#### Arquivo pessoal

Com a salvaguarda de bens reconhecidos como patrimônio histórico, o que revela a consciência patrimonial dos seus autores. Sr.<sup>a</sup> Jessy Cherem.

## Bibliografia

ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

Susane da Costa Waschinewski, Maria Teresa Santos Cunha

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 10-39, 1998.

BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. C.; MIGNOT, A. C. V. (Org.). *Destinos das letras, história, escrita epistolar e educação*. Passo Fundo: UPF, 2002.

BELLOTO, H. L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BROTHMAN, B. Ordens de valor: questionado os termos teóricos da prática arquivística. In: HEYMANN, L.; NEDEL, L. (Org.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018, p. 83-120.

BRUHNS, K. *Museu Histórico de Santa Catarina: discurso, patrimônio e poder (1970-1990)*. Florianópolis, 2010. 169 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

CORRÊA, C. H. P. *Ata n. 1 do Grupo de Trabalho para a implantação do MHSC*. 27 jan. 1977.

CUNHA, M. T. S. Entre Netuno e Clio: primeiras aproximações às cartas do Almirante Henrique Boiteux (Santa Catarina / Século XX). *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 3, n. 9, p. 900-911, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5600/3541>>.

\_\_\_\_\_. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital. *História da Educação*, Santa Maria, v. 21, n. 51, p. 187-206, jan./abr. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-34592017000100187&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-34592017000100187&script=sci_abstract&tlng=pt)>.

GOULART, A. S. *Jessy Cherem: a construção da trajetória de uma educadora em Criciúma na década de 1960*. Criciúma, 2012. 56 f. TCC (Graduação em Psicologia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/193/1/Ang%20c3%a9lica%20da%20Silva%20Goulart.pdf>>.

HEYMANN, L. Q. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

HOBBS, C. O caráter dos arquivos pessoais: reflexões sobre o valor dos documentos de indivíduos. In: HEYMANN, L.; NEDEL, L. (Org.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018, p. 261-274.

MCKEMMISH, S. Provas de mim... In: HEYMANN, L.; NEDEL, L. (Org.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018, p. 239-259.

MEIRINHO, J. Santa Catarina – política e administração (1945-1994). In: KONDER, V. M. *Antônio Carlos Konder Reis: 50 anos de vida pública*. Itajaí: Oficina da Palavra, 1997, p. 21-42.

MIGNOT, A. C. V. *Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*. Bragança Paulista: Editora da USF, 2002.

NEVES, M. S. Apresentação. In: MIGNOT, A. C. V. *Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado de Armanda Álvaro Alberto*. Bragança Paulista: Editora da USF, 2002.

RIBA, E. M. Arquivos pessoais de escritores. In: TROITIÑO, S.; LUCA, T. R. (Org.). *Sobre a arte de guardar: reflexões a respeito do acervo de Lívio Xavier*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017, p. 37-66.

RIBAS JÚNIOR, S. A. Konder Reis: breves notas sobre uma grande vida. In: KONDER, V. M. *Antônio Carlos Konder Reis: 50 anos de vida pública*. Itajaí: Oficina da Palavra, 1997, p. 44-52.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

**Susane da Costa Waschinewski** é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mestra em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Graduada em Geografia pela UNESC. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

**Maria Teresa Santos Cunha** é Professora Titular do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História e em Educação da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Mestra e Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq – nível 1D.

**Como citar:**

WASCHINEWSKI, Susane da Costa; CUNHA, Maria Teresa Santos. Guardar para preservar: cartas entre o governador e a diretora do Museu Histórico de Santa Catarina, 1979-1980. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 428-449, jul./dez. 2019. Disponível em: <[pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br)>.